

A descoberta de Solaris ocorrera quase cem anos antes do meu nascimento. O planeta gira em torno de dois sóis: um vermelho, outro azul. Nos quarenta anos que se seguiram, nenhuma nave se aproximou dele. Naqueles tempos, a teoria de Gamow-Shapley sobre a impossibilidade do surgimento de vida nos planetas satélites de duas estrelas era considerada uma certeza. As órbitas desses planetas modificavam-se constantemente em resultado da variação da gravitação que ocorria durante a rotação mútua de ambos os sóis.

Estas flutuações surgem alternadamente, fazendo encolher ou distender a órbita do planeta, e qualquer primícia de vida que surja é destruída quer por um calor incandescente quer por um frio glacial. Estas alterações ocorrem em períodos de milhões de anos; logo, segundo a escala astronómica ou biológica (isto porque a evolução exige centenas de milhões, se não milhares de milhões de anos), num período de tempo muito curto.

De acordo com os primeiros cálculos, Solaris devia aproximar-se, ao longo de quinhentos mil anos, do seu sol vermelho a uma distância equivalente a metade de uma unidade astronómica, e, após um milhão de anos, submergir no abismo incandescente do astro.

Todavia, passados vários anos convenceram-se de que a sua órbita não evidenciava as modificações esperadas, como se fosse constante, tão constante como as órbitas dos planetas do nosso Sistema Solar. Repetiram depois, com o maior dos rigores, as observações, e os cálculos acabaram por confirmar aquilo que já era sabido: Solaris tinha uma órbita instável.

De entre as várias centenas de planetas anualmente descobertos, aos quais as grandes estatísticas dedicavam apenas algumas linhas para anotar dados sobre os seus movimentos, Solaris foi então promovido à categoria de corpo celeste digno de particular atenção.

Quatro anos depois desta descoberta, já sondava o planeta a expedição de Ottenskjold que o examinava a partir da nave

*Laocoonte*, apoiada por outras duas naves espaciais. Esta expedição tinha carácter provisório de reconhecimento do terreno, tanto mais que não estava preparada para aterrar. Introduziu nas órbitas equatoriais e polares uma grande quantidade de satélites-observadores automáticos, cuja principal função era medir a potencialidade da gravitação. Além disso, foi examinada a superfície do planeta, que era quase todo coberto por um oceano e por uns quantos planaltos que se erguiam acima do nível do oceano. A sua superfície total é inferior ao território da Europa, embora Solaris tenha um diâmetro vinte por cento maior do que o da Terra. Estas extensões de terreno rochoso e desértico, espalhadas irregularmente, agrupam-se principalmente no hemisfério sul. Ficou também a conhecer-se a composição da atmosfera, desprovida de oxigénio, e fizeram-se medições da densidade do planeta, bem como do albedo e de outros elementos astronómicos. Tal como era de esperar, não se encontraram quaisquer sinais de vida em terra e também não foram detectados no oceano.

Durante os dez anos seguintes, Solaris, já no centro das atenções de todos os observadores daquela região, demonstrava uma tendência admirável para manter a sua órbita de gravitação, que, sem qualquer dúvida, fora considerada instável. Durante um tempo, o assunto cheirou a escândalo, pois tentou-se lançar a culpa dos resultados da observação (em prol do bem da ciência) ora para certas pessoas ora para certas máquinas de cálculo usadas por elas.

A falta de verbas adiou o envio de uma expedição solarística apropriada durante três anos, até ao momento em que Shannahan, tendo completado a tripulação, conseguiu obter do Instituto três unidades de tonelagem C de classe cosmo-drómica, as maiores naves espaciais da época. Um ano e meio antes da chegada da expedição, que partira da região da Alfa do Aquário, uma segunda frota de exploração, em nome do

Instituto, tinha colocado o satelóide Luna 247 na órbita em torno de Solaris. O satelóide, três vezes reconstruído em intervalos de décadas, ainda hoje funciona. Os dados por si reunidos confirmaram definitivamente as observações da expedição de Ottenskjold sobre o carácter activo dos movimentos do oceano.

Uma das naves de Shannahan manteve-se em órbita; as outras duas, após ensaios preliminares, pousaram num terreno rochoso com cerca de seiscentas milhas quadradas no hemisfério sul de Solaris. Os trabalhos da expedição terminaram passados dezoito meses, tendo decorrido favoravelmente, com excepção de um infeliz acidente causado pelo funcionamento defeituoso de alguns aparelhos. Todavia, no seio da equipa de cientistas ocorreu uma cisão que os dividiu em duas facções antagónicas. O pomo da discórdia era o oceano. Com base em análises, admitiu-se que o oceano era uma formação orgânica (chamar-lhe *ser vivo*, naquela altura ainda ninguém ousava). Enquanto os biólogos viam no oceano uma formação primitiva — algo do género de um sincício gigantesco, como se fosse uma célula única, líquida e monstruosa pelo seu tamanho (chamavam-lhe *formação pré-biológica*) que envolvia todo o globo com a sua cobertura gelatinosa e, em certos lugares, atingia várias milhas de profundidade —, os astrónomos e os físicos afirmavam que devia ser uma estrutura extremamente organizada e avançada, que porventura ultrapassava em complexidade a constituição dos organismos terrestres, visto ser capaz de influenciar, de forma activa, o traçado da órbita planetária. Efectivamente não se descobrira outra causa que pudesse explicar o comportamento de Solaris, embora os planetofísicos tivessem estabelecido uma relação entre certos processos do oceano plasmático e o potencial de gravitação medido localmente que se alterava consoante o «metabolismo» do oceano.

E foi assim que os físicos, e não os biólogos, propuseram a formulação paradoxal de «máquina plasmática», entendendo

com isso uma formação que, a nosso ver, seria desprovida de vida, mas capaz de empreender acções intencionais a nível — é preciso que se diga — astronómico.

Nesta disputa, que, como um turbilhão, atraiu em poucas semanas todas as autoridades mais conceituadas, a teoria de Gamow-Shapley foi abalada pela primeira vez em oitenta anos.

Durante algum tempo, ainda se tentou defender a teoria de que o oceano não tinha nada em comum com a vida e que não era sequer uma formação «para-» ou «pré-biológica», mas uma formação geológica, sem dúvida invulgar, porém, unicamente capaz de fixar a órbita de Solaris, alterando a força da gravidade; para o efeito, invocava-se a regra de Le Chatelier.

Para contrariar este conservadorismo, lançaram-se novas hipóteses, entre elas a de Civita-Vitty, uma das mais elaboradas, que aventava que o oceano era resultado de um desenvolvimento dialéctico: eis que, a partir da sua forma primitiva de pré-oceano, uma solução de corpos químicos de reacção lenta, pela força das condições (quer dizer, das alterações orbitais que ameaçavam a sua existência) e sem passar por todas as etapas da evolução terrestre, galgando as fases da formação unicelular e pluricelular, bem como da evolução vegetal e animal e ainda do nascimento de um sistema nervoso e de um cérebro, tinha conseguido saltar directamente para o estágio de «oceano homeostático». Por outras palavras, o oceano não se adaptara ao meio circundante, tal como os organismos terrestres ao longo de centenas de milhões de anos, para, passado um tempo imenso, dar origem a uma raça inteligente, mas tinha sim dominado de imediato o meio que o rodeava.

Era uma perspectiva bastante original, só que todos continuavam sem saber como aquela gelatina xaroposa era capaz de estabilizar a órbita de um corpo celeste. Havia quase um século que eram conhecidos aparelhos capazes de criar artificialmente campos de atracção e de gravidade artificiais — os gravitadores

—, mas ninguém conseguia imaginar como aquela massa viscosa e informe era capaz de obter um efeito semelhante ao dos gravitadores, que para tal precisavam de complexas reacções nucleares e de temperaturas elevadíssimas. Nos jornais daqueles tempos, que espicaçavam a curiosidade dos leitores e a indignação dos cientistas com fabricações mirabolantes sobre o tema «o mistério de Solaris», não faltavam afirmações como a de que o oceano planetário era um parente afastado das enguias eléctricas da Terra.

Quando o problema foi, pelo menos em certa medida, resolvido, verificou-se que o esclarecimento punha outro enigma no lugar do primeiro, um enigma talvez ainda mais surpreendente, o que aliás não raro viria ainda a acontecer com tudo o que dizia respeito a Solaris.

As observações mostravam que, de modo algum, o oceano actuava de acordo com os nossos gravitadores (o que, além do mais, seria coisa impossível), mas conseguia impor directamente a periodicidade espaço-temporal da órbita, o que conduzia, entre outras coisas, a discrepâncias na medição do tempo num único e mesmo meridiano de Solaris. Assim sendo, o oceano não só conhecia a teoria de Einstein-Boevia, em certo sentido, como sabia ainda (já nós não podíamos dizer o mesmo) explorar as suas consequências.

Quando tal foi afirmado publicamente, rebentou no mundo científico uma das tempestades mais violentas do nosso século. As mais respeitáveis teorias mundialmente aceites como verdadeiras desmoronaram-se, enquanto, na literatura científica, surgiam os mais heréticos artigos com alternativas como «oceano genial» ou «gelatina gravitante» que ateavam todas as mentes.

Tudo isto aconteceu vários anos antes do meu nascimento. Quando andava na escola, Solaris — devido a factos posteriormente conhecidos — era comumente considerado um planeta dotado de vida, só que povoado por um único habitante...